

# “Eu não derrubo ninguém. As pessoas caem, né?”

Em entrevista a Roberto D’Avila, FH rebate comparações com Getúlio Vargas

CLÁUDIA MATTOS

Nos 22 anos que distanciam uma entrevista dada no Café de Flore, em Paris, quando era professor na Sorbonne, da mais recente, nos jardins do Palácio do Alvorada, que deixará dentro de pouco mais de um ano, o presidente Fernando Henrique Cardoso pode ter feito alguns ex-amigos – que vêem traição aos princípios socialistas em sua ação neoliberal – mas ganhou em astúcia. É um pouco do Fernando Henrique astuto e de aparência extremamente cordial que Roberto D’Avila, entrevistador nas duas ocasiões, vai mostrar no programa *Conexão* que vai ao ar hoje na TVE (22h) e na TV Cultura (22h30).

Tão astuto que, em uma hora de conversa, Fernando Henrique não cita o nome de nenhum correligionário cotado para sucedê-lo. Entre os tucanos, o único nome mencionado foi o de Aécio Neves. Sinal de apoio? Não necessariamente imediato. “Aécio é um líder da nova geração que vai ter futuro”, disse. Tirando a menção ao presidente da Câmara, o presidente só fez comentários – não necessariamente elogiosos – sobre ACM e Lula. “Ele (Lula) já teve tempo para aprender a dizer coisas mais sensatas”, disse, quase em tom de reprimenda paternal, sobre o programa de governo apresentado pelo PT.



Na entrevista, o único tucano citado por FH foi Aécio Neves

O tom paternal, porém, torna-se maroto nas duas vezes em que Fernando Henrique é comparado a Getúlio Vargas. Na primeira, sobre a forma de atuação política dos dois, o presidente simplesmente

afirma: “Getúlio era maquiavélico. Eu não derrubo ninguém. As pessoas caem, né?”, afirma, para depois completar: “As vezes até dou a mão”. Ao responder as acusações de dizer sim a todos, por

Reuters

mais distintas que sejam as propostas, ele se mantém sério a princípio. “Não gosto de desagradar. Não faço por astúcia”, defende-se. “As vezes”, sugere o entrevistador. “As vezes por astúcia também. Sem astúcia a gente não chega onde está”, afirma sem conter o sorriso. Nada mau, para quem, na mesma entrevista brinca, dizendo conhecer “tão pouco de política”.

**Desvalorização** – Seu conhecimento de política é comparável à capacidade de defender acertos e minimizar erros cometidos nos quase sete anos em que está no poder. Mesmo quando o assunto é delicado, como a alta do dólar, Fernando Henrique se sai bem ao comparar o comportamento da moeda americana diante no franco francês e do real. “Olha o franco. Em 1979 era 4 por 1. Durante anos se manteve em 5 por 1. Agora está 7 por 1. Isso deixou a França mais fraca?”, indaga, para, acrescentar que só quem depende de importações e quem viaja muito ao exterior sofre os efeitos da desvalorização do real.

Auto-crítica mesmo só em dois momentos. Primeiro, quando afirma que não fez tudo o que poderia ter feito. Depois, ao falar sobre a crise energética. “Não houve planejamento adequado das águas e investimento suficiente em linha de transmissão”. Arrependimento? Nem tanto. “O presidente não é um sabe-tudo”.